

Processos de citação e produção de argumentos em textos críticos e ensaísticos¹

Ana Marques^a

a Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra

1. Introdução

Citar significa pôr em movimento. Citar imprime no texto um movimento em direção a outro texto, estabelecendo uma ponte entre enunciados e enunciadores distintos, produzindo, pela recontextualização, novas situações discursivas e gerando redes textuais expansivas. Antoine Compagnon comparou o citador ao rapsodo, contador de histórias na Antiga Grécia: “O orador que vocaliza perde o controlo de si mesmo e do discurso, ele é inspirado por um poder que o transcende (o do já dito); (...). O rapsodo, por sua vez, [é] aquele que amplifica e interpreta os versos do poeta” (Compagnon, 1996, p. 88). A receção crítica, dialógica e intertextual por definição, tem na citação um mecanismo estruturante.

Citar significa também privilegiar determinados aspetos de um texto, deformando a hierarquia dos seus elementos de forma a construir um tópico de análise e a fundamentar uma interpretação, a qual vai oferecer uma determinada inteligibilidade do texto citado. As interpretações reconfiguram os textos, pondo em prática protocolos de leitura que variam consoante as comunidades interpretativas (eras, escolas teóricas, realidades socioculturais, etc.). O conceito de comunidades interpretativas (Fish, 1976) retira ao texto literário qualquer identidade inata: o texto não tem sentido em si mesmo, mas o seu sentido também não depende da subjeti-

Correio eletrónico: ana.marques.silva@gmail.com

vidade das interpretações individuais, sendo antes contingente dos horizontes das comunidades interpretativas, as quais são constituídas por leitores que partilham estratégias de interpretação segundo as ideias que caracterizam essas comunidades. Estas estratégias e protocolos de interpretação estão em permanente reformulação, de acordo com convenções socioculturais e históricas. Fish refuta a ideia de que a leitura precede a interpretação: o ato de leitura e o ato de interpretação são o mesmo, no sentido em que ao ler estamos já a pôr em ação as nossas redes de referências. Para o autor, as estratégias de interpretação são a *forma* da leitura, e nessa medida produzem o texto, em vez de, como comumente se assume, dele emergirem (Fish, 1976, p. 481). Se as estratégias de interpretação determinam os modos como extraímos sentido do texto, então são estratégias não de leitura, na aceção convencional do termo, mas de escrita, no sentido da constituição e atribuição das propriedades de um texto (Fish, 1976, p. 483). Os mecanismos de citação do *Livro do Desassossego* e o modo como estruturam determinados argumentos são provas materiais das especificidades que caracterizam as diferentes interpretações e reconfigurações críticas do texto soarino.

Enquanto mecanismo intertextual, a citação tem como função geral estabelecer nexos entre enunciados e enunciadoreis distintos. Na medida em que a citação estabelece uma via, ou canal, de comunicação entre textos, a sua função é fática, no modelo de Jakobson: tem como objetivo “estabelecer, prolongar ou descontinuar a comunicação” (Jakobson, 1960, p. 355), focando-se no canal comunicativo e no contacto entre os agentes da comunicação. No caso do universo crítico do *Livro do Desassossego*, o canal através do qual a comunicação se estabelece entre o *Livro* e os seus leitores especialistas, bem como entre as várias comunidades interpretativas, é a própria textualidade, incluindo os protocolos específicos que caracterizam textos críticos e ensaísticos. Para além desta função sistémica, a citação desempenha um conjunto de funções circunstanciais, isto é, as funções que a citação desempenha são localmente determinadas pelo contexto no qual a citação é integrada. A função que uma dada forma ocupa num contexto pode corresponder a outras funções num contexto diferente, por exemplo, uma mesma citação em epígrafe ou entre parêntesis desempenha funções distintas. Dada a relativa autonomia entre forma e função, a tipificação dos processos citacionais aqui apresentada segue o esquema conceptual proposto por Antoine Compagnon, que identificou dois movimentos na prá-

tica da citação — o recorte e a colagem. A presente análise das práticas de citação parte deste esquema, nele integrando as variáveis que a recepção crítica do *LdoD* permite identificar. Estas variáveis concentram-se na posição e na extensão que os enunciados citados ocupam no texto citante, subordinando-se-lhes a forma e a função.

2. Recorte-Colagem

O recorte diz respeito ao modo como o citador seleciona as citações, definindo o seu contorno. É uma categoria que remete para a leitura e pode ser pensada quanto à extensão da citação. A colagem diz respeito ao modo como o citador integra as citações no novo texto. É uma categoria que remete para a escrita e pode ser pensada quanto à frequência e posição. Tanto o recorte quanto a colagem são determinados pela função e pela estratégia argumentativa que a citação serve. O recorte e a colagem confluem na composição de um novo enunciado, tanto através da produção de um contexto para a citação, quanto através da abertura de novos caminhos discursivos.

No movimento recorte-colagem, a “citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita” (Compagnon, 1996, p. 29). Mas a citação não é uma mera repetição: ao acomodar o enunciado citado num novo corpo textual, a colagem produz um grau de desvio, “uma diferença de potencial, um curto-circuito. O fenómeno é a diferença, o sentido é a sua resolução” (Compagnon, 1996, p. 59). Esta diferença de potencial, que gera novos sentidos, é impulsionada pela relação semântica entre a citação e o seu enquadramento: a diferença de potencial é maior quanto maior for a emergência de sentidos não evidentes no texto original, mas que são gerados pela colagem da citação num novo enunciado.

O recorte e a colagem são também os processos que presidem à edição do *Livro do Desassossego*, obra inacabada, fragmentária e materialmente desagregada, cuja estrutura e composição depende das estratégias interpretativas de cada editor. Ao selecionar e ordenar os trechos que constituem o *Livro*, o editor cria um contexto específico para textos descontextualizados, criando relações entre fragmentos desconexos. Na medida em que a leitura do *Livro do Desassossego* solicita a produção de um contexto para cada fragmento, citar esta obra num texto crítico ou ensaístico implica uma dupla contextualização: aquela que cria um enquadramento interpretativo para cada trecho, e aquela que é produzida pela integração de cada citação

num enunciado crítico. Se a primeira pertence à esfera da leitura individual e subjetiva, a segunda pertence à esfera da leitura orientada para o espaço do comum, dirigindo-se a outros leitores e ampliando os diálogos entre comunidades interpretativas.

3. Posição

Para Antoine Compagnon, a “epígrafe é a citação por excelência” (1996, p. 120). A epígrafe pertence ao domínio do paratexto e mantém um alto grau de autonomia: é uma modalidade de citação que expressa afinidades do autor, estabelecendo relações com textos de universos por vezes bastante distantes. No seu ensaio “A dimensão do desassossego”, Joana Matos Frias (2018) recorre a uma tripla epígrafe, composta por um excerto de um poema de Eugénio de Andrade sobre modas académicas, uma frase de Friedrich Schlegel sobre Romantismo e crítica literária, e uma frase de Leyla Perrone-Moisés sobre o *LdoD* e a crítica em Portugal e no Brasil. Em conjunto, as três epígrafes enunciam com especificidade o âmbito do ensaio que introduzem.

A posição relativa das citações — início ou final do texto, início ou final de parágrafo ou secção, ou intercalada com as palavras do citador — tem uma relação com a função da citação, com a estratégia argumentativa do citador e, por vezes, com o efeito retórico. Citações em posição inicial cumprem frequentemente a função de mote a partir do qual a reflexão se desenvolve. No “Prefácio” à sua edição do *Livro do Desassossego*, Jacinto do Prado Coelho (1982) cita um conjunto de trechos do *Livro* que expressam as ideias de cansaço, tédio e desassossego, funcionando estes enunciados como marcadores do âmbito e do contexto temático desta secção do Prefácio. As citações em posição inicial funcionam também como amostra que oferece a matéria-prima para análise e a partir da qual o ensaísta coloca uma pergunta ou declara um objetivo, como é o caso de Maria da Glória Padrão (1977) que, no início do seu ensaio “A Escrita do Desassossego”, cita em bloco 6 trechos de cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões que aludem à génese e autoria do *Livro*. As funções que a posição inicial das citações desempenha adequam-se a um método expositivo genético que reproduz passo a passo o caminho seguido pelo enunciador, o qual apresenta inicialmente as premissas nas quais a sua indagação se baseia, deixando as conclusões para o final.

O mecanismo inverso é a citação que ocorre no final do texto, no final de um segmento ou parágrafo, ou ainda no final de uma frase. A citação em posição final adequa-se a um método expositivo no qual se declara as conclusões no início do texto, justificando posteriormente essas declarações com recurso à citação. Nestes casos, a citação tem um valor conclusivo e cumpre a função de demonstrar, sustentar ou validar um dado argumento através do exemplo oferecido pela fonte. É o caso do texto de Maria Irene Ramalho (1999), “O Desassossego, a poesia lírica e a identidade do poeta”: “Pessoa fala do privilégio que tem de se não dar expressão a si próprio («o meu privilégio de não me exprimir»)". A citação no final das frases serve ainda outras funções que não a conclusiva, tais como caracterizar, ilustrar ou esclarecer. Jorge de Sena (1984), na sua “Introdução ao Livro do Desassossego”, recorre à citação em posição final não apenas para ilustrar as suas afirmações, mas sobretudo para esclarecer o sentido que Sena atribui às palavras de Bernardo Soares: “A própria verdade abstracta da consciência criadora, isto é, «o que em mim sente está pensando» do verso célebre”.

A citação surge também frequentemente em posição encaixada, produzindo um efeito de convergência entre vozes distintas através da proximidade formal, a qual sugere uma coesão semântica. Teresa Sobral Cunha (2008), no “Prefácio” à sua edição do *LdoD* recorre com frequência a este mecanismo através de uma montagem de citações de trechos distintos, elaborando assim uma intrincada composição a duas vozes: “E também era o dele o universo povoado de gente quotidiana, dele a mesma sensibilidade ao bulício das ruas (os eléctricos de «toque metálico», os carros, as carroças de «sons separados», as «pancadas de martelo à porta do caixoteiro»)". Este mecanismo evita a paráfrase, menos exata do ponto de vista testemunhal e menos económica do ponto de vista discursivo. A citação encaixada cumpre ainda a função de sintetizar um argumento, próprio ou alheio. Eduardo do Prado Coelho (1983), em “Pessoa-Soares e a cultura em língua francesa”, sintetiza através de uma montagem de citações o argumento apresentado numa recensão de João Gaspar Simões, publicada no ano anterior, com o objetivo de contestar essa leitura: “Quanto a Bernardo Soares, esse, não existe, ou melhor, «só existe no que escreveu», e, portanto, não lhe corresponde, diz Simões, «um fluxo de vida», e, por conseguinte, «o Livro do Desassossego é mesmo um bluff tanto enquanto obra de arte como enquanto ‘diário íntimo’»”.

4. Extensão

Os mecanismos argumentativos assinalados fazem uso de citações relativamente breves, frequentemente tratadas através da supressão de texto. Certas citações breves são utilizadas pelo seu valor canónico no âmbito da obra de Bernardo Soares, como é o caso da expressão «ajudante de guarda-livros», à qual quase todos os críticos e ensaístas recorrem, atribuindo-lhe a função de metonímia do heterónimo pessoano. O recorte destas citações estabilizou-se, assim, pelo uso.

A extensão de uma citação reflete-se também na função retórica que lhe é atribuída. A citação breve presta-se à apropriação e à ressignificação, por vezes de forma bastante expressiva, do enunciado do qual a citação é recortada. É o caso da recensão “O *Livro do Desassossego*, um falso «diário íntimo»”, na qual João Gaspar Simões (1985) cita uma frase de Bernardo Soares — «Parecerá a muitos que este meu diário (...) é artificial de mais. Mas é de meu natural ser artificial». Simões destaca nesta frase a palavra «artificial» —, frase que Simões utilizará, isolada, por cinco vezes, de modo a reforçar a ideia de logro com que o crítico caracteriza o *LdoD*. No mesmo texto, Simões atribui também um sentido próprio à expressão soarina «ajudante de guarda-livros», ao colocá-la na sequência da palavra “chãmente”: “Bernardo Soares, criatura (...) pura e chãmente, «ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa»”. A proximidade com o advérbio de modo confere uma nova camada de sentido que altera radicalmente a expressão citada. Esta apropriação e ressignificação é, afinal, o princípio da escrita (“Proust não dizia que todo o escritor começa pelo pastiche?” [Compagnon, 1996: 61]), no sentido em que todo o texto é “um mosaico de citações” (Kristeva, 1969, p. 85), de referências cruzadas e filtradas pela interpretação que constitui já cada leitura. “[D]e certa forma, não há um sujeito da citação, senão num regime democrático da escrita” (Compagnon, 1996, p. 51).

A citação breve é por vezes integrada num texto de forma indireta. Tal como acontece com o discurso indireto, as aspas, enquanto convenção que assinala a mudança de voz, são substituídas pelas palavras do autor citante que assinala a autoria das palavras citadas, por vezes de forma explícita e por vezes apenas como alusão. Este mecanismo era aquele que comumente se utilizava antes da invenção das aspas, no séc. XVII, pelo impressor francês Guillaume. Poder-se-ia supor que a citação indireta permite um maior grau de apropriação, todavia não é esse o caso nos textos em apreço neste

estudo, incluindo quando se trata de citações indiretas não explícitas: nestes casos, o crítico ou ensaísta escreve situado num campo discursivo específico e dirige-se a um público restrito de leitores especialistas que reconhecerão um dado enunciado como sendo uma citação de um determinado autor. Deste modo, a citação indireta reforça o âmbito crítico do texto, no sentido em que o reconhecimento de uma dada citação assinala os contornos da comunidade interpretativa à qual o texto citante se dirige. Exemplo deste mecanismo é a citação indireta que Jorge de Sena (1984) faz de Camões: «a alma minha gentil, até o papel seu secretário». Também Jerónimo Pizarro (2018) faz referências indiretas a determinados trechos do *LdoD*, cujos títulos, enumerados sequencialmente, passam inclusivamente a estar em minúscula, convenção gráfica que testemunha a recontextualização e um grau de ressemantização das palavras citadas: “Ao longo da leitura encontramos absurdos, lendas imperiais, cartas (...), conselhos às mulheres mal casadas, confissões, recordações, estéticas, nostalgias, éticas, abdições, sentimentos apocalípticos, quadros decorativos, metafísicas e até uma notável educação sentimental, mas nenhum texto nos dá a sensação de caminharmos pelas ruas centrais de uma pequena cidade.”

As citações são tratadas com graus de seletividade diferentes consoante o objetivo da citação e o âmbito do texto citante. Por vezes, diferentes autores citam um mesmo trecho do *LdoD*, nele selecionando passagens com extensões distintas. É o caso de Eduardo Lourenço e Jerónimo Pizarro, que citam o mesmo parágrafo de um mesmo trecho (“Reconheço hoje que falhei”), sendo que Eduardo Lourenço cita apenas um par de palavras (“Narciso cego”) e Jerónimo Pizarro cita o parágrafo na sua totalidade. Neste caso, o que interessa a Eduardo Lourenço é a expressão “Narciso cego” como metáfora que permite ao ensaísta tornar operativa a sua análise da psicologia pessoana. Lourenço destaca a expressão do contexto em que esta ocorre, conferindo-lhe um valor que transcende o sentido local que Bernardo Soares atribuiu a este par de palavras.

Eduardo Lourenço desenvolve uma leitura cuja especificidade vai ser tomada em conta por outros críticos, como é o caso de Jerónimo Pizarro. Assim, a frase de Eduardo Lourenço que cita Bernardo Soares (“Narciso cego, como no *Livro* se conhece, Pessoa desejou tocar-se como uma alma que fosse exterior”) torna-se a epígrafe do texto de Jerónimo Pizarro, assinalando o seu âmbito, bem como uma homenagem a Lourenço. Esta frase volta a ser retomada ao longo do texto de Pizarro, primeiro como metoní-

mia de um dado aspeto da psicologia de Bernardo Soares e depois no contexto da citação integral do parágrafo do *LdoD* em que a expressão ocorre. Ou seja, a leitura que Jerónimo Pizarro faz do texto soarino é já informada pela leitura de Eduardo Lourenço. Formalmente, esse filtro faz-se expressar através de uma citação da citação, isto é, através do modo como Eduardo Lourenço cita e interpreta este par de palavras. Este processo assinala a produtividade recursiva da intertextualidade, em que um texto-fonte produz um novo texto através da especificidade de uma leitura, e esse novo texto produz por sua vez outro novo texto. Não se trata apenas de um texto-fonte que dá origem a várias leituras que reorganizam esse texto em novas configurações, por via de produção de textos críticos, nem se trata exclusivamente de uma rede de textos-críticos que gravitam em torno do texto-fonte, trata-se antes de um conjunto de interpretações que, em inter-relação, continuamente dão origem a novos textos, organizando-se este movimento gerativo em camadas e de forma reticular. A citação evidencia o carácter gerativo e intertextual da leitura e da escrita, e assinala a estrutura das redes de influência que caracterizam um dado campo literário. A citação tem assim uma dimensão crítica, enquanto mecanismo que estrutura argumentos, e tem também uma dimensão social, enquanto mecanismo que articula diferentes leituras. O modo como esta citação ocorre no texto de Jerónimo Pizarro mostra como a subjetividade da interpretação é também uma intersubjetividade dialógica e diacrónica, que sustenta comunidades interpretativas.

No seu ensaio, Jerónimo Pizarro reserva dois anexos para dois textos de Fernando Pessoa, citados integralmente: um sobre Cesário Verde e o outro sobre António Vieira. Estes textos não são acompanhados por qualquer comentário, cumprindo a função de testemunhos a partir dos quais o leitor poderá aferir a pertinência da leitura que o ensaísta faz destes textos. Estes testemunhos são acompanhados por imagens – fac-símiles dos documentos datilografados por Fernando Pessoa –, sendo que podemos entender estas imagens também como citações, no sentido em que estabelecem uma relação direta com o texto e a escrita pessoana. Neste caso, o que está em causa é a validação da tese de que tanto Cesário como Vieira são autores cuja influência é determinante na obra de Pessoa-Soares, sendo que o valor testemunhal de um texto citado integralmente é necessariamente superior ao valor testemunhal de uma citação breve, já que na citação integral o grau de seleção e descontextualização é menor.

Encontramos outra modalidade de citação integral num ensaio intitulado “A minha pátria é a língua portuguesa (desde que a língua seja a minha)”: Osvaldo Manuel Silvestre (2008) cita na íntegra o conto epistolar “Rosita até morrer”, do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, publicado em 1982, e introduz esta longa citação com as seguintes palavras: “para que a ortografia seja gente, nos termos propostos por Bernardo Soares, é necessário que muita gente, demasiada gente, deixe de o ser. Por toda essa gente sem lugar na pátria-língua de Bernardo Soares proponho a proto-moçambicana Rosita”. Neste caso, o facto de a citação ser integral remete para um ato enunciativo da parte do ensaísta, ato esse que materializa em si mesmo o argumento que o ensaio encerra, dando diretamente voz às vozes que Soares expulsa da sua língua «clara e majestosa», ao invés de representar e editar estas vozes por via de citações seletivas.

5. Redes textuais

Uma importante estratégia argumentativa no âmbito dos textos críticos sobre o *LdoD* é o estabelecimento de redes textuais. A dimensão social da citação reflete-se nos diálogos que a partir dela se estruturam, como vimos no caso de Jerónimo Pizarro e Eduardo Lourenço, em que a leitura de um crítico informa a leitura de outro crítico. As redes textuais constituídas por via da citação estabelecem nexos entre diferentes comunidades interpretativas. José Martins Garcia (1985), em “Os géneros literários e o *Livro* do Desassossego”, coloca uma pergunta (questiona a noção de drama) e junta várias vozes, ora dissonantes, ora consonantes, para aprofundar essa pergunta. A palavra é dada não só a Pessoa e seus heterónimos, mas também aos seus leitores críticos. O texto de Garcia é assim uma espécie de congresso mediado pela citação.

Além dos leitores especialistas, as redes textuais incluem autores com uma relação direta com o autor em estudo (influência), autores sem uma relação direta (novas leituras comparadas), além do conjunto da obra do autor. Na sua “Introdução ao(s) *Livro(s)* do Desassossego(o)”, Teresa Rita Lopes (2015) cria uma rede de referências que inclui poesia, prosa, correspondência e textos teóricos de Fernando Pessoa e seus heterónimos, bem como as leituras e influências, como é o caso de Oscar Wilde ou Maeterlinck, situando assim a obra pessoana num contexto alargado de correntes estéticas e de pensamento, criando uma coerência intertextual que sustenta

a caracterização que a autora faz do *LdoD* no conjunto da obra pessoana, justificando determinadas opções editoriais na sua organização e fixação do texto soarino. Deste modo, a autora identifica um conjunto de figuras psico-bibliográficas que, em relação intertextual estabelecida a partir do *LdoD*, constituem um corpo textual expandido.

As redes textuais estabelecidas por via da citação assinalam a dimensão intertextual e dialógica a que a citação dá expressão direta, através da leitura comparada e dos nexos que esta prática estabelece, mas também através da citação enquanto mecanismo de validação de um argumento por via da autoridade do autor citado. A análise das redes textuais em jogo na receção crítica do *LdoD* torna visível o poder de influência de determinadas leituras. A citação de autoridade tem uma dimensão diacrónica, no sentido em que o caminho aberto pelos críticos que precedem um dado momento histórico informará o trabalho dos críticos de gerações posteriores, e nela confluem dois aspetos: a homenagem e a validação. A título de exemplo, veja-se o lugar ocupado por Jorge de Sena num texto de Jacinto do Prado Coelho, ele próprio uma referência central nos estudos pessoanos: a mais longa citação que Prado Coelho faz no Prefácio à sua edição do *Livro*, em 1982, é de Jorge de Sena, a quem é dedicado um parágrafo inteiro, abrindo a sequência que dá a palavra ao autor citado com um juízo valorativo: “Com justeza e brilho ponderou Jorge de Sena no estudo que devia ter sido o prefácio desta obra”.

6. Conclusão

A análise do *corpus* relativo à receção crítica do *LdoD* permite desdobrar a função sistémica da citação — estabelecer uma via de comunicação entre enunciados distintos — em duas funções gerais — ilustrar e apoiar —, e permite desdobrar estas duas funções gerais em funções específicas. Assim, ilustrar consiste frequentemente em caracterizar, expandindo os conteúdos que precedem a citação, e consiste também em fornecer uma amostra ou um exemplo, especificando e clarificando uma afirmação. Apoiar consiste frequentemente em apresentar uma fonte primária, ou em recorrer à autoridade de um ou mais autores, sustentando uma afirmação. As funções que a citação desempenha dependem do contexto argumentativo. Não raras vezes, as funções da citação sobrepõem-se, desempenhando a mesma citação diversas funções que podem ser mais explícitas ou mais

implícitas, de acordo com as características do texto citante, incluindo as suas convenções, mas também o estilo do autor que recorre à citação.

A citação tem uma dimensão argumentativa. A composição de um texto crítico é estruturada, em diferentes graus, pelas citações selecionadas, designadamente pelo seu recorte — a escolha das palavras, a qual determina a forma, ou a extensão, da citação — e pela colagem — a escolha da posição que o enunciado citado ocupa no enunciado citante. Sequenciar citações é atribuir-lhes uma ordem segundo a qual elas dialogam entre si e com o argumento desenvolvido pelo citador. A escrita de textos críticos e ensaísticos é codeterminada por critérios de edição, que extraem sentidos dos textos citados com vista à exposição escrita de uma interpretação ou argumento.

Ao estabelecer diálogos entre textos e comunidades interpretativas diferentes, a citação reveste-se também de uma dimensão social. A citação alavanca movimentos entre interpretações, estabiliza determinadas leituras, sublinha convergências, assinala dissonâncias e gera novas interpretações e vias de análise. O estudo da citação no universo crítico do *Livro do Desassossego* e a integração no *Arquivo LdoD* do módulo dedicado à receção tornarão explícitas as redes dinâmicas de relações intertextuais postas em marcha pela crítica, através das quais poderemos identificar comunidades interpretativas e, a partir delas, propor uma história da receção do *Livro do Desassossego*. Esse será o próximo passo neste estudo.

“O *Arquivo LdoD* é um arquivo digital colaborativo do *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa. Contém imagens dos documentos autógrafos, novas transcrições desses documentos e ainda transcrições de quatro edições da obra. Além da leitura e comparação das transcrições, o *Arquivo LdoD* permite que os utilizadores colaborem na criação de edições virtuais do *Livro do Desassossego*. Inclui ainda um módulo de escrita que, futuramente, permitirá aos utilizadores escreverem variações a partir dos fragmentos do *Livro*. Deste modo, o *Arquivo LdoD* combina um princípio representacional com um princípio simulatório: o primeiro consiste na representação da história e dos processos de escrita e de edição do *Livro*; o segundo consiste na possibilidade de os utilizadores assumirem diferentes papéis no processo literário (ler, editar, escrever), usando a flexibilidade do meio digital para experimentarem o *Livro do Desassossego* como máquina literária. O *Arquivo LdoD* foi desenvol-

vido no âmbito do projeto de investigação «Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*» do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra (CLP). Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.” (<https://ldod.uc.pt/about/archive>)

Notas

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto PTDC/CLE-LLI/118713, financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

Referências

- Bréchon, R. (1983). Livro do Desassossego por Bernardo Soares. *Colóquio/Letras*, 72, 100-102. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coelho, J. P. (1982). Prefácio. In F. Pessoa, *Livro do Desassossego* (pp. 7-23). Editado por Jacinto do Prado Coelho, Recolha e transcrição por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Edições Ática.
- Coelho, E. P. (1983). Pessoa-Soares e a cultura em língua francesa. In J. V. Pina Martins (Org.), *Colloque - Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France* (pp. 585-597). Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais.
- Compagnon, A. (1996). *O trabalho da citação*. Editora UFMG.
- Cunha, T. S. (2008). Prefácio. In T. S. Cunha (Ed.), F. Pessoa, *Livro do Desassossego* (4ª ed., pp. 11-35). Relógio d'Água.
- Fish, S. E. (1976). Interpreting the *Variorum*. *Critical Inquiry*, 3(2), 465-485. University of Chicago Press Journals.
- Frias, J. M. (2018). A dimensão do desassossego: Bernardo Soares, o menor, e a sua 'époieia pobre'. *Revista Estranhar Pessoa*, 5, 30-48. Universidade Nova de Lisboa.
- Garcia, J. M. (1985). Os géneros literários e o *Livro do Desassossego*. In *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, (pp. 207-228). Centro de Estudos Pessoaanos.
- Jakobson, R. (1960). Closing statement: Linguistics and Poetics. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in Language* (pp. 350-377). M.I.T Press and John Wiley & Sons.
- Kristeva, J. (1969). *Semeiotike: Recherches pour une sémanalyse*. Seuil.
- Lopes, T. R. (2015). Introdução ao(s) Livro(s) do Desassossego. In T. R. Lopes (Ed.), *F. Pessoa: Livro(s) do Desassossego* (1ª ed., pp. 21-34; 39-42; 207-212; 243-248). Global Editora.
- Lourenço, E. (2008). O Livro do Desassossego: Texto suicida? In *Fernando, rei da nossa Baviera* (pp. 109-131). Gradiva.
- Padrão, M. G. (1977). A Escrita do Desassossego. *Persona 1*, 21-31. Centro de Estudos Pessoaanos.
- Pizarro, J. (2018). Livro do Desassossego. *Ler Pessoa* (pp. 141-156). Tinta da China.
- Ramalho, M. I. (1999). O Desassossego, a poesia lírica e a identidade do poeta. *O homem e o tempo* (pp. 471-495). Fundação Engenheiro António Almeida.

- Sena, J. (1984). *Fernando Pessoa & Ca heterónima: Estudos coligidos, 1940-1978* (pp. 177-242). Edições 70.
- Silvestre, O. M. (2008). A minha pátria é a língua portuguesa (desde que a língua seja a minha). In R. M. Goulart, M. do C. Fraga, & P. J. S. Meneses (Eds.), *O trabalho da teoria. Colóquio em homenagem a Vítor Aguiar e Silva: ACTAS* (pp. 231-242). Universidade dos Açores.
- Simões, J. G. (1985). O Livro do Desassossego, um falso «diário íntimo» In *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos* (pp. 579-586). Centro de Estudos Pessoaanos.